Criação literária e periferismo cultural

Para uma ideologia da marginalidade

Carlos Reis
Universidade de Coimbra

1. Num dos seus últimos romances, o escritor José Saramago imagina uma espécie de colapso geopolítico que muito simplesmente teria levado a Península Ibérica a romper com a Europa a que fisicamente estava ligada, derivando então, como jangada de pedra, para a imensidão do Atlântico.

Romper é, neste contexto, um termo justo e necessário. A ruptura é física, porque, por força de um fenómeno tectônico difícil de explicar, ocorre na verdade interna da ficção, a fenda que rompe a ligação aparentemente indestrutível com o continente europeu; mas a ruptura vem a ser sobretudo cultural, se, aceitando-se em toda a extensão a metáfora ficticial que o escritor concebe, a entendermos como assunção de um destino histórico multissecular que fez, dos povos da Península Ibérica, parentes afastados de uma Europa com a qual, finalmente, pouco teriam que ver. Periférica por força de uma localização geográfica irreparável, a Península leva esse periferismo às últimas consequências, afirma-se como irreversivelmente marginal e rompe com a Europa madrasta.

O romance seguinte de Saramago, a História do Cerco de Lisboa, aparentemente nada tem que ver com esta questão. Mas, bem pensadas as coisas, não é bem assim e não apenas porque se pense que, em Literatura, é sempre possível dar a volta ao que parece (ou não parece) óbvio. Recordemos brevemente que se trata, no romance, de tentar uma revisão da História, propondo-se, de novo, uma reflexão sobre o destino dos povos que a vivem, pela inversão do que era sabido: que os Cruzados ajudaram os Cristãos na conquista de Lisboa.
Porque, no romance, não pode contar com essa ajuda, Afonso Henriques - a quem, recorde-se, o inimigo muçulmano chama "o Galego" - por assim dizer reinventa um destino histórico português, sem a ajuda do estrangeiro arrogante, e limita-se à sua escassa força; escassa, mas afinal suficiente, porque Lisboa acaba por ser conquistada e "o Galego" reafirma, só por si, a sua independência.

Não é de xenofobia que aqui se trata. É antes da possibilidade de pensarmos, a partir do nosso ponto de vista cultural e com a legitimidade que uma longa vivência desse ponto de vista nos confere, a problemática do periferismo, em função das imagens, dos temas e dos valores que dela decorrem, por via de elaboração literária. Por outras palavras: a presente reflexão tem que ver, necessariamente e directamente, com a situação daquelas Literaturas cuja produção se desenvolva em cenários culturais regular ou episódicamente marcados pela sua condição periférica, no plano geocultural.

As Literaturas Portuguesa e Galega, partes disso a que Otero Pedrayo chamou "xardín das culturas periféricas molladas pola onda atlántica ou mediterránea", ambas as Literaturas, dizia, são, neste aspecto, em parte convergentes e solidárias entre si. E são-nos não apenas pela sua comum raiz idiomática, mas também porque as respetivas modelizações artísticas e difusão cultural se encontram de certa forma afectadas pela sua inscrição periférica. Acontece assim também por uma outra razão, tão natural como episódicamente dramática: é que a condição periférica tende, não raro, a acentuar-se, por força de mecanismos de centralização cultural que, à custa de censuras expressas, difusas interdições ou sinaisos procedimentos selectivos, agudizam o periferismo. Os traumas, as resistências, as atitudes nacionalistas, os exilios (físicos ou psicológicos) que daí decorrem geram facilmente uma espécie de ideologia da marginalidade, que, como toda a ideologia literariamente representada, resolve-se em signos e estratégias literárias próprias. Tentemos uma sua abordagem, fundamentada no testemunho de escritores em quem é visível isso a que chamaremos a síndrome do periferismo.

2. Num texto muitas vezes citado (porque um dos poucos em que projectou elementos autobiográficos), Eça de Queirós escreveu, referindo-se aos anos da sua formação em Coimbra:

Coimbra vivia então numa grande actividade, ou antes num grande tumulto mental. Pelos caminhos de ferro, que tinham aberto a Península, rompia cada dia, descendo da França e da Alema-

E depois de invocar os nomes quase mágicos que então seduziam a sua geração (Michelet, Hegel, Vico, Proudhon, Victor Hugo, Goethe, Edgar Poe, Heine, etc.), Eça prossegue:

Naquela geração nervosa, sensível e pálida como a de Musset (por ter sido talvez como essa concebida durante as guerras civis) todas estas maravilhas caíam à maneira de achas numa fogueira, fazendo uma vasta crepitação e uma vasta fumaça! E ao mesmo tempo nos chegam, por cima dos Pireneus moralmente arrasados, largos entusiasmos europeus que logo adoptávamos como nossos e próprios, o culto de Garibaldi e da Itália redimida, a violenta compaixão da Polónia retalhada, o amor à Irlanda, a verde Erin, a eman
alda cética, mãe dos santos e dos bardos, pisada pelo Saxónio!... (1)

Retenham-se, por agora, deste texto (que é uma comovida homenagem à memória de Antero de Quental), três elementos: a orientação europeia desta geração, o seu fascínio pela França, origem ou lugar de passagem de correntes estéticas e de pensamento, e a forte presença, em 1862 ou 63, ano a que se refere o texto, do Romanismo, complexo e difuso paradigma cultural que, desde a época de formação, marcou indelevemente o jovem Eça.

Trata-se, como sugeri, de um verdadeiro testemunho de geração, que Eça enuncia com o distanciamento (e também com a nostalgia) que as circunstâncias justificavam, nesse texto de homenagem ao amigo desaparecido. Antero de Quental cobura, justamente, dar o mote de uma rebeldia quase constante em grande parte motivada pela consciência de um isolamento cultural que essa geração emergente contestava. O texto "Nota sobre a missão revolucionária da poesia!", publicado em posfácio às Odes Modernas, constitui uma análise severa da cinzenta e monótona atmosfera cultural portuguesa, afectada por um alheamento total em relação às grandes transformações sociais e políticas que atingiam a Europa. Dizia Antero, num tom irônico e sarcástico:

Que os meus quase patrícios de Portugal se não aterrem! Todas estas coisas anárquicas estão a cinquenta e a cem léguas das nossas terras patriarcais e a mil ou duas mil das nossas não menos patriarcais inteligências. Sob outros tectos, sob outras sereias passam as nuvens minacéis da próxima tormenta! A terra emudece, o ar solta suspiros misteriosos com o presen
cimento da tem-
pestade que se avizinha! Mas sob os nossos tectos reina o conten-
tamento dos simples; e, se as nossas searas nos não recusam o
pão quotidiano dos crentes, que nos fazem a nós revoluções, de-
mocracias, progresso e leis da história? O progresso e a história
são algumas coisas de turvo, de vertiginoso, de incompreensível.
Para vivermos livres dos solavancos horíveis do torvelinho so-
cial resolvemos nós o problema de um modo todo nosso e a
que, ao menos, se não negará originalidade – viver fora da histó-
ria e do progresso.(2)

O que em Antero aqui soa a juvenil ímpeto há-de matizar-se,
sem perder a sua motivação fundamental, quando o poeta das Odes
Modernas lançar as Conferências do Casino, afirmando então, junta-
mente com os que eram seus companheiros do momento: “Não po-
de viver e desenvolver-se um povo, isolado das grandes preocupa-
çoes intelectuais do seu tempo; o que todos os dias a humanidade
vai trabalhando, deve também ser o assunto das nossas constantes
meditações”(3).

Não muito tempo depois, outro jovem poeta, Cesário Verde,
curiosamente a partir de um lugar duplamente periférico, porque o
era também em relação à geração de Antero e Eça, há-de representar,
tum registro lírico, a mágoa da distância em relação à Europa.
Isso a que Cesário chama “o sentimento de um occidental” é algo
mais do que uma referência difusa a Camões e a “occidental praia lu-
sitana”, celebrada na epopeia. Nesse ano de 1880, em que o tricente-
nário da morte do épico era pretexto para alusões de claro recorte
ideológico, a homenagem de Cesário deriva para o âmbito que aqui
me interessa contemplar e acentua, na occidentalidade, uma espécie
de isolamento congênito; esse angustiante sentimento de periferismo
vem, pois, juntar-se, em Cesário, ao desconforto e à opressão
sentidos na cidade extrema da Europa, crescentemente poluída e tor-
nada impessoal, pelas dimensões que vai alcançando. De tal modo,
que a partida de alguns parece invejável acto de superação de um té-
dio de nítida coloração finissecular:

Batem os carros de aluguer, ao fundo,
Levando à via férrea os que se vão. Felizes!
Ocorrem-me em revista exposições, países:
Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!

Acto de superação desse isolamento que parecia estigma indelé-
vel da Cultura Portuguesa é o que definitivamente lançará a Gera-
cão de Orphee, em parte contra um Saudosismo de orientação cul-
trualmente centrífuga, em parte também beneficiando do exemplo de
cosmopolitismo estético protagonizado por um Simbolismo de prove-
niência francesa. As propostas de trabalho de Orphee, mesmo tendo
ficado parcialmente irrealizadas – ou, pelo menos, estranhas junto de
um público manifestamente impreparado – essas propostas de trabal-
ho, dizia, são inequívocas e valem como projecto de europeização
inegável. “O que quer Orpheu? perguntava-se, em 1915. Resposta de
Fernando Pessoa, nesse esboço de entrevista inédita:

Criar uma-arte cosmopolita no tempo e no espaço. A nos-
sa época é aquela em que todos os países existem, mais material-
mente do que nunca, e pela primeira vez intelectualmente, existem
todos dentro de cada um, em que a Ásia, a América, a África e
a Oceania são a Europa, e existem todas na Europa. Basta qual-
quers cais europeu – para ter ali toda a terra em comprimido. E
se chamamos estes europeus, e não americano, por exemplo, é que é
a Europa, e não a América, a font e origo deste tipo civilizacional,
a região civilizada que dá o tipo e a direcção a todo o mundo.
Por isso a verdadeira arte moderna tem de ser maximamen-
te desnacionalizada – acumular dentro de si todas as partes do
mundo.(5)

O lisboeta cais de Alcântara é, pois, Pessoa dixit, já um cais eu-
ropeu. Nele talvez, contemplará Álvaro de Campos, na “Ode Marit-
ima”, o movimento, o rumor e a dispersão que são motivo de euforia
civilizacional, mas já, também, difusa ameaça para um sujeito em
quem se anuncia o crise do tédio. Os paquetes que entram vêm de
uma distância que a modernidade quer anular, trazendo, todavia, con-
sigo a insinuação de sombrias ameaças:

Os paquetes que entram de manhã na barra
Trazem aos meus olhos consigo
O mistério alegre e triste de quem chega a parte.
Trazem memórias de cais afastados e doentos momentos
Doutro modo do mesmo humanidade noitros pontos.
Todo o atraer, todo o largar de navio,
É – sinto-o em mim como o meu sangue –
Inconscientemente simbólico, terrivelmente
Ameaçado de significações metafísicas
Que perturbam em mim quem eu fui...(6)
3. Um ano depois da publicação, no número 2 de Orpheu, da “Ode Marítima” de Campos, aparecia, pela iniciativa de Antón Villar Ponte, a primeira das “Irmandades da Fala”, desde logo empenhadas numa activa política de consolidação do galego, como língua revitalizada e culta. Aparentemente, trata-se de uma quase coincidência — e nada mais do que isso. Mas realmente é possível observar, no dinamismo europeizador de Orpheu e no restauracionismo linguístico-cultural das “Irmandades da Fala”, duas faces de uma mesma moeda, dois registos dialécticamente articulados de um mesmo discurso: aquele que, de forma enviesada, enuncia a *síndrome do periferismo*, procura contrariar os seus efeitos e propõe fórmulas para a sua superação. Porque nessa superação participa dinamicamente a Literatura, é necessário e conveniente ponderarmos os termos em que alguns dos mais destacados escritores galegos refletiram sobre o periferismo; e fizeram-no a partir de uma consciência variavelmente nítida de que ele é um condicionamento que, de um modo ou outro, interfere na produção literária — e, através dela, na configuração das imagens dominantes representadas pela cultura galega, do Resurgimento para cá.

Não se trata aqui, note-se desde já, de estabelecer um esquemático paralelismo com a Cultura Portuguesa e designadamente com os depoimentos que antes evocámos — mesmo porque paralelismos semelhantes são quase sempre e quase todos redutores e falaciosos; e não procura também, como é óbvio, esgotar, no que a Cultura e à Literatura Galegas diz respeito, a análise de um problema que não cabe nas fronteiras desta intervenção e muito menos nas do meu conhecimento de ambas, conhecimento que, não sendo de especialista, não deixa de ser enformado por admiração e empatia inerçovas.

Por outro lado, é preciso dizer que a autognose do periferismo estabelece-se e desenvolve-se em função de uma problemática mais ampla, que é a do atraso e desprezo que, em quase todos os domínios, afectou uma Galiza durante séculos abandonada pelo poder central; ainda em 1935 Castelao, num contexto dominado por temas como a emigração, o subdesenvolvimento que a provoca e a saudade da terra-mãe, podia escrever:

Eu son d-unha Terra onde os labregos non foron capaces de aturaren o despotismo señorial, e máis d-unha vez (van alá centos de anos) fixeron revolucions sangristas. Dos tempos abolidos quedan aí os foros; pero esta cárrega val alheirándo-se a forza de rebeldías sordas. Certo é que desapareceu o amo terratenente; pero foi sustituido por moitos amos confabulados, que fan chegar a Galiza o reparto da miseria central. Hoxe a miña Terra é un bocado da República, povoado por trabajadores que aí da temen á justicia oficial, porque nunca se lexíza para eles(7).

Não são, no entanto, textos como este que aqui me interessam directamente, mas antes aqueles que, no âmbito de postulações meta-literárias, podem ser considerados textos programáticos; resultam desses textos de uma reflexão doutrinária, em princípio de incidência estética, mas com eventuais extensões ideológicas, e tendo a orientar as práticas literárias do seu tempo. Por outras palavras: pode falar-se em texto programático, sempre que um escritor (e também um ensaista ou um crítico), enuncia os parâmetros que devem rege o fenómeno literário, visando questões de ordem técnica (opções de estilo ou de género, tratamento de categorias artísticas, adopção de estratégias discursivas, etc.) ou de ordem sociocultural (funções da obra literária, estatuto do escritor, etc.). Ao mesmo tempo, o discurso em que se articula um texto programático apresenta-se como um discurso fortemente assertivo, isto é, dotado de uma grande capacidade de afirmação do que se lhe afigura serem as verdades fundamentais, os indiscutíveis princípios por que deve pautar-se o fenómeno literário: sem ser exatamente um discurso de propaganda, ele procura constituir-se como discurso de doutrinação, no sentido em que “visa um efeito a longo prazo, sobre um pequeno número de indivíduos que de doutrinados tornar-se-ão por sua vez doutrinadores”(8).

Trata-se, portanto, de testemunhos que, preparando e anunciando a produção literária, constituem as suas margens, mas margens que importa conhecer e valorizar, na justa medida da dimensão doutrinária que as caracteriza e do auto-conhecimento que propiciam, sintomaticamente realçados, na importância de que se revestem, pelos próprios escritores: por alguma razão escreveu Eduardo Blanco Amor “que as miñores coleitas do sabre de nós, chegaram-nos nos poetas”(9).

Não certamente por acaso, as primeiras tentativas que, de forma efectivamente continuada e consequente, procuram reafirmar o galego como língua literária, partem de posicionamentos a todos os títulos periféricos — se é que não mesmo, em muitos aspectos, agudamente sentidos como marginais; e dentre os nomes que, quase obrigatoriamente aqui cabe mencionar, o de Rosalía de Castro é, na diver-
sidade dos registos em que se manifesta, uma referência incontornável. “Este pobo a que moitos chaman estúpido e a que quisais xus-guen insensibre, estraño á devina poesía”, é o povo que, a partir de Cantares Gallegos, tenderá a ser consciencializado, pela palavra da poesia, de uma marginalização e de um desprezo que atingem, antes de mais, o idioma, “sin gramática nin regras de ningunha clás”, diz Rosalía. E insiste:

Cantos, bágoas, queixas, sospire, seránas, romeriás, paisa-xes, desevas, píasares, soldados, ribeiras, costumes, (...) todo esto me atrevín a cantar deste homlde libro pra desir una vez siquera, i anque sea torpemente, és que sin razón nin conocemento algun nos desrepeçan, que a nosa terra é dina de alabanza y que a nosa linguá non é aquela que basterdean e champurrar torpemente nas mais ilustradaísimas provincias cunha risa de mo-fa que, a desir verdade (...) demostra a ignorancia máis crasa i a máis improdoáble inxusticia que pode facer una provincia a outra provincia irmán, por probe que está sera(10).

A “improdoáble injustica que pode fazer unha provincia a outra provincia irmán”, diz Rosalía nun contexto muito marcado pelo teor inovador e nacionalista de unha proposta literaria em que a opção do galego como lingua literaria significa varias axudas: a asunción do dereito a unha diferenza cultural, diferenza que marca distancias en relación a outros cenarios culturais; a rejeición dun cánono linguístico centralizador e descaracterizador; a consciencia nitida de que esa diferenza assumida arrosta con juicios de desqualificación, en conexión directa con a marginalización (económica, social, cultural) que afecta a Galiza.

É preciso lemar que aos sentidos de marginalidade que atravessan o testemunho citado non son certamente estranhas circunstancias de ordem pessoal, com funda incidencia psicocultural: as circunstancias do nacemento de poeta e a difícil (na época) condição da mulher-escritora son coordenadas dominantes de uma propensión para un certo culto da marginalidade, que a predisposición romántica non fazía senán acentuar. O prólogo rosalíano a La hija del mar e a conocida e semi-heterónima “Carta a Eduarda (Las literatas)” son disso mesmo manifestacións muito expressivas.

De recuperação do periferismo e de anulação da marginalidade pode falar-se també quando Curros Enríquez abre os seus Aires da miña terra con unha introdución en verso que é també louvor do galego como idioma literario, louvor non isento de unha euforia redentora que en Rosalía se non encontrá. Como quer que seja: do que se trata fundamentalmente é da dignificación da língua pelo poeta, “novio Oráculo” que as “xentes tristes” revela o futuro dunha dignidade cultural protagonizada por un idioma por fin arrancado á marginal estreiteza do seu provincialismo:

Cando todas as lengüas o fin topen que marca a todo o providente deo, e cos vellos idiomas estuguidos sola unha fala universal formemos;

Esa fala pulida, idioma único, mais que hoxe enriquecido, e máis perfeito, resume das palavras máis sonoras que aquelas non deixaran como en herdo;

Ese idioma, compendio dos idiomas, como unha serenata pracenteiro, como unha noite de luar docísimo, xerá - que outro xinón - será o galego(11).

4. A asunción do periferismo, mesmo a vivencia difusa da marginalidade, non significan necesariamente isoamento radical ou negación dessa universalidade que toda a cultura con verdadeira identidade nacional propende a atingir. O que a este propósito aquí truxo da Literatura Portuguesa revela-o ya; confirmou-no tamén testemunhos de dos escritores galegos distanciados no tempo, Ramon Otero Pedrayo e Eduardo Blanco-Amor, ambos empenhados en articular harmoniosamente a dialéctica nacionalismo/universalismo, tema fundamental da moderna Cultura Galega. Em todo o caso, fazem-no en cenarios culturais que, non sendo já o de Rosalía e Curros, convidam a superar limitacións que un poeta dos nosos dias, Celso Emilio Ferreiro, procura exorcizar, nos termos tan explicitos como veementes de unha “Autopoética” datada de 1955:

Pelo que se refire aos poetas galegos, si queren ser fideles a si mesmos e á terra, teñen que fuxir da arqueoloxía estril e do ruralismo pedante. Teñen que retorcere o pescoco ó reis-flôr do lírio iracíndoxo, saudoso, vello estilo. En troques, teñen que mergullarse con desesperado esforzo no mundo social da nosa terra; nos problemas vivos do noso tempo; nas angurias das nosas xentes. Pero con ollos recéns abertos, con palabras de
A conquista do universalismo não significa, como é óbvio e Celso Emilio claramente deixou entender, divórcio em relação às que são balizas fundamentais de uma identidade cultural própria. Disse-o também Otero Pedrayo, quando sublinhou que “Galiza foi universal cando foi enxebremente galega, e foi un tristeiro grupullo de provincias cando estivo a piques de deixar de ser galega”; e acrescentou: “No próximo tempo românico a Galiza galega falando a sua língua alcançou un universalismo superior ao de todas as outras terras da Iberia”(13).

Esta preocupação universalista tem a sua tradução própria, no plano da produção literária, quando está em causa o diálogo vivo da Literatura Galega com exigências estéticas que transcendem um foliclorismo em certos aspectos limitativo e acenutam, no idioma que a毯ma, uma maturidade que é també evidência de universalidade. O admirável “Prólogo útil” que Eduardo Blanco-Amor escreveu para Xente ao lonxe constitui, neste aspecto, um testemunho altamente significativo. “Esta novela”, afirma Blanco-Amor, “pretende ser do xeito máis espreso e (...) PRINCIPALMENTE, un exercicio de linguaxe”. Não um exercicio de linguagem, entendam-nos, no sentido em que o foram movimentos literários que, sobretudo do fim-de-século em diante, revolucionaram conceções miméticas da representação, desestruturaram a linearidade do discurso e fizeram, não raro, da comunicação literária uma actividade restringida aos iniciados nas regras de sofisticados códigos artísticos. É Blanco-Amor quem explicita a dimensão deste “exercicio de linguaxe”, orientando-se numa direcção que não põe em causa, antes aprofunda, a afirmação da Literatura Galega como entidade virtualmente universalizante, a partir da modelação de um idioma que tem que procurar as fórmulas da sua maturidade artística; não se deve, diz o escritor, “cair na falsa seguridade de considerarnos usufructuários dun idioma maduro”, tal como deve reconhecer-se, sem complexos nem remorsos, que “nos queda lonxe o tempo no que escribir en galego era un mérito apriorístico e ‘de por sí’ prado apórire e algun talento literario”;

Tratase, é dito, de acudar as formas do maneiro “cómo” nos narradores destinados á axusorción ‘natural’ nos lectores. E pra istes logros da plenitude temos que pensar por reconocer que aínda é pouco o tempo que a nossa prosa leva en procura de si mesma, do seu acomodamento ás sucesivas funções que se lhe veñen (intermitentemente ademáis) existindo nuna práctica extra-escolar, infrauniversitaria e sin rexencia nin açatamento académico, pola falta mesma dunha coerencia académica no aspecto da autoridade didáctica(14).

Por certo que algo mudou já, relativamente a esta situación, deste que Blanco-Amor escreveu, en 1970, o “Prólogo útil” ao seu romance. Subsiste, no entanto, alguma coisa de actual, se no conteúdo pelo menos nos propósitos que se encontran implícitos nas palavras do romancista; porque o que aqui está en causa é un duplo movimento, harmoniosamente desenvolvido numa tomada de posición programática e metaliterária: a assunção da precariade da língua literaria, sobretudo passada mas ainda visível en sequelas do presente, precariade que é fruto consabido de una multisecular marginalização cultural; por outro lado, a recusa activa dessa marginalização, não cingida à lamentación do ostracismo, antes interpretada por uma dinámica de modernización do idioma, como instrumento de universalista criação literaria, colocando a Literatura Galega nos antípodas dessa “arqueofobia estétil e do ruralismo pedáneo” de que falava Celso Emilio Ferreiro.

5. Em Literaturas marcadas pela vivência, episódica ou continuada, de uma condición periférica, relativamente aos grandes centros de difusión cultural, é possível falar numa tendencia para a marginalidade, susceptivel de esboçar o sistema de crenças, valores e juízos que é proprio de toda a ideología. Uma tal tendencia equaciona-se aqui, em jeito de conclusión, sobretudo como hipótese em aberto, susceptível de convalidações que outras alturas caberá efectuar; a postulação de uma tal hipótese parece, no entanto, legitimada pelos termos em que me tenho referido á problemática do periferismo, como tendencia verificável e mesmo, en certos casos, síndrome psico-cultural intensamente vivida. Questionemos por agora, en diversos planos, o conceito mesmo de marginalidade e reconheça-se-lhe, desde já, o estatuto de conceito connotado por sentidos e atmosferas próprias: a radicalidade das atitudes, a conflitualidade, a propensión para a agressividad, de un modo geral a vivência de uma rebeldía que, em tempos de referência
ou revivescência romântica (em Garrett ou em Rosalía, em Curros ou em Antero), assume a dimensão de emblema psicológico. Mas a marginalidade, em domínios de manifestação social, psicológica ou cultural, a marginalidade que as instituições judiciais tendem a reprimir ou isolá-lo, em favor de modos de vida "normalizados" e adversos a toda a diferença, essa marginalidade, dizia, afirma-se sobretudo pela configuração de sentidos dominantes: o sentido da distância, a consequente valorização da margem enquanto lugar de fixação de atitudes centrifugas, o isolamento feito de voluntarismo e desejo de auto-affirmação.

Na base destas dominantes—que, sendo semânticas, podem enunciar-se através de práticas discursivas sintaticamente organizadas e dotadas de propósitos pragmáticos—, compreende-se que a criação literária constitua em âmbito privilegiado de insinuação da marginalidade; e acontece assim quando a prolongada vivência de situações culturalmente periféricas explode em práticas subversivas, tanto no plano primariamente linguístico, como no plano secundariamente estético-literário. Para mais, não raro (mas sobretudo em cenários psico-culturais de recorte romântico) a própria criação literária aparece associada a uma marginalidade que procura resolver-se em rebeldia de vocação universalizante. Disse-o, entre outros, Miguel Torga, justamente num dos muitos textos em que, de um ponto de vista ainda romântico aludiu à missão do poeta:

Só quando insumisso, e por isso digno do seu nome, os poetas serão capazes de cumprir a sua missão divinatória por conta de todo o sofrimento humano. Somente da fortaleza da sua independência poderão oferecer à angústia universal a chave de um futuro melhor, construído sobre a denúncia dos crimes e das injustiças de que são testemunhas(15).

Nos escritores e nas Literaturas que vivem agudamente o síndrome do periferismo, é desta insubmissão que, mutatis mutandis, nutre o culto de uma marginalidade que não se resolve necessariamente em comportamentos destrutivos ou em discursos de exclusiva entoação pessimista. É que, a partir da marginalidade, pode viver-se também a necessidade do reencontro e do regresso a casa, seja essa casa a nação abandonada ou a Europa madrasta, uma e outra capazes, afinal, de acolher o sujeito pacificado, que de si mesmo expurrou a doença do periferismo; disseram-no dois intelectuais de invul-

gar estatura, em Portugal e na Galiza, em palavras que quase poderiam inverter-se, quanto à realidade a que se referem, sem por isso perderem sentido. Disse-o Otero Pedrayo, falando da Galiza como terra prometida:


Disse-o também Eduardo Lourenço, reflectindo sobre o diálogo de Portugal com a Europa, diálogo simultaneamente ressentido e fascinado:

É quintessematicamente que devemos viver a Europa e desejarmos que a Europa viva. Com a mesma ironia calma com que Caeiro se vangloriava de oferecer o Universo ao Universo, nós, primeiros exilados da Europa e seus medieiares da universalidade com a sua marca indelével, bem podemos trazer a nossa Europa à Europa. É essa maneira reconciliárm-nos, enfim, conosco próprios(17).

NOTAS

1 – E. de Queirós, “Um gênio que era um Santo”, in Notas contemporâneas, pp. 254-255).
4 – C. Verde, O Livro de Caeiro Verda, Lisboa, Ulisses.